

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923081	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923082	
CAPÍTULO 3	26
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923083	
CAPÍTULO 4	36
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923084	
CAPÍTULO 5	40
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i> <i>Paulo Alberto da Silva Sales</i> <i>Sidney de Souza Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923085	
CAPÍTULO 6	56
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923086	
CAPÍTULO 7	68
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i> <i>José Antonio de Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923087	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923088	

CAPÍTULO 9	90
HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923089	
CAPÍTULO 10	104
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230810	
CAPÍTULO 11	114
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230811	
CAPÍTULO 12	124
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230812	
CAPÍTULO 13	136
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230813	
CAPÍTULO 14	145
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230814	
CAPÍTULO 15	155
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230815	
CAPÍTULO 16	165
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230816	

CAPÍTULO 17	180
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230817	
CAPÍTULO 18	195
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230818	
CAPÍTULO 19	204
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230819	
CAPÍTULO 20	216
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230820	
CAPÍTULO 21	228
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230821	
CAPÍTULO 22	236
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230822	
CAPÍTULO 23	247
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230823	
CAPÍTULO 24	258
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230824	

CAPÍTULO 25	271
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
DO 10.22533/at.ed.60019230825I	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART

Ioneide Maria Piffano Brion de Souza

Doutora em História, Política e Bens Culturais,
Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em
História da UFJF

Juiz de Fora, Minas Gerais

RESUMO: Nos debates mais recentes a literatura e a história são compreendidas como leituras possíveis da recriação do real uma vez que os discursos não apenas representam, mas também instituem imaginários e práticas sociais. A compreensão de que a Literatura é uma manifestação cultural, portanto, uma forma de registro do movimento do homem na sua historicidade permitiu que o historiador a assumisse como fonte e espaço de pesquisa. Sendo assim, o presente artigo almeja, através do diálogo história e literatura, apresentar a visão do que era ser mulher na década de 1970 para a intelectual e feminista Heloneida Studart. Além disso, pretende-se discutir como esta imagem de mulher, fruto de uma construção misógina, para a autora, foi perpetuada e reforçada ao longo dos séculos por diferentes discursos os quais contribuíam por rebaixar a mulher a papéis sociais secundários.

PALAVRAS-CHAVE: História. Literatura. Feminismo

WOMAN AND FEMINISM: PERCEPTIONS THROUGH THE NOVEL "THE GODDESS OF THE RADIO" BY HELONEIDA STUDART

ABSTRACT: In the most recent debates, literature and history are understood as possible readings of the re-creation of the real since the discourses not only represent but also institute social imaginaries and practices. The understanding that Literature is a cultural manifestation, therefore, a form of record of the movement of the man in its historicity allowed that the historian assumed it like source and space of research. Thus, the present article aims, through the dialogue history and literature, to present the vision of what it was to be a woman in the 1970s for the intellectual and feminist Heloneida Studart. In addition, it is intended to discuss how this image of woman, the result of a misogynistic construction, for the author was perpetuated and reinforced over the centuries by different discourses that contributed to lower women to secondary roles.

KEYWORDS: History. Literature. Feminism

1 | A LITERATURA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA

Nos debates mais recentes é inquestionável que a linguagem e a

temporalidade são os pontos que aproximam história e literatura já que ambas são compreendidas como discursos no tempo. A História é o discurso dos acontecimentos humanos em sociedade, já a Literatura é o discurso que representa os fatos históricos a partir da imaginação criadora do autor. Sobre isso Hutcheon salienta “que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou que a ficção e a história são discursos [...] pelos quais damos sentido ao passado” (HUTCHEON, 1991, p.122). Assim, tanto Literatura quanto História fazem leituras do passado.

Poderíamos, então, considerar a literatura e a história como leituras possíveis da recriação do real uma vez que os discursos não apenas representam, mas também instituem imaginários e práticas sociais. O texto lido não oferecerá apenas a mediação do conhecimento de si mesmo, mas em última instância, estará proporcionando o conhecimento de um “mundo” através do mundo da obra. De acordo com Paul Ricoeur “contando histórias os homens articulam sua experiência do tempo, orientam-se no caos das modalidades potenciais do desenvolvimento, marcam com enredo e desenlaces o curso muito complicado das ações reais” (RICOEUR, 1978, p.45).

A compreensão de que a Literatura é uma manifestação cultural, portanto, uma forma de registro do movimento do homem na sua historicidade permitiu que o historiador a assumisse como fonte e espaço de pesquisa (CANDIDO, 2006, p.13). Sendo assim, há uma crescente confluência entre História e Literatura que tem possibilitado encarar a forma historiográfica e a forma ficcional como “apenas formas de apropriação e construção da realidade, modalidades de discurso que devem ser situadas no mundo real e que possuem por objeto o homem” (CUNHA, 2008, p.40).

Assim, narrar é visto como uma maneira de contar uma história e contar uma história é desenrolar a experiência humana no tempo. É pois, na reconfiguração do tempo que a narrativa histórica e a narrativa ficcional se interpenetram sem se confundirem. Para Alexandre Baumgarten “tanto o historiador como o narrador do relato ficcional recria o passado, que a narrativa traz de novo ao presente, elemento que obriga a configurar o mundo próprio da obra, apto a reconfigurar-se, pelo efeito da leitura, numa visão do mundo real e histórico” (BAUMGARTEN, 1993, p. 93-94).

Desta forma, ao apresentar a realidade no texto o artil literário cria esquemas persuasivos de interpretação dos processos sociais que apresentam uma realidade, aquela “vista” pelo seu autor. Não podemos negar que a produção literária de um autor se encaixe em um âmbito social, em determinado local e época e que demonstre, parcialmente, a sociedade em que vive. Contudo, o que predomina é a leitura do mundo feita por quem escreve. Neste sentido, os textos literários devem ser compreendidos como uma representação que nos deixa entrever a sociedade da época retratada e as atitudes introjetadas que aparecem, de uma forma ou de outra, na descrição dos personagens, na maneira como se comportam, enfim na forma como o enredo é construído (Idem, p.94). Segundo Pesavento:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo

pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário (...) Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta ou daquela forma (PESAVENTO, 2004, p.83-4).

Para o historiador interessado em pesquisar a Literatura como fonte cabe mostrar que a arte é duplamente social: ao mesmo tempo em que ela depende do meio histórico ela age sobre ele. Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, enfatizam que a literatura ao ser pensada como um importante “testemunho histórico” e, uma vez compreendida como fonte, tem de ser devidamente interrogada e inquirida. Os historiadores devem se aproximar com cautela da “realidade” apresentada pela literatura (CHALHOUB, 1998, p.7). Cautela a qual se deve ter não só com os textos literários, mas na análise de qualquer documentação já que essa sempre será uma entre várias interpretações de um fato. E Sandra Pesavento complementa ao observar que o historiador ao compreender a literatura como fonte, deve estar preparado para ver "a representação que ela comporta (...) o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa” (PESAVENTO, 1995, p.117).

Conforme destacado por Márcio Seligmann-Silva, neste movimento reflexivo, os discursos historiográficos e os literários, ainda que mantenham suas fronteiras e particularidades, podem ser mobilizados de forma articulada para uma compreensão mais complexa sobre o passado (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.17). Partindo dessa perspectiva, pode-se sugerir que os textos ficcionais têm o potencial de contribuir para uma interpretação mais ampla e multifacetada dos momentos históricos. Para ilustrar esta análise da Literatura como fonte para a História utilizo o livro *A Deusa do Rádio e outros Deuses* da escritora Heloneida Studart. *A Deusa do Rádio* seria para Heloneida um manifesto contra práticas sociais que inferiorizavam e negavam o papel de sujeito histórico ao feminino.

2 | O LIVRO

A Deusa do Rádio e outros Deuses foi escrito em meados da década de 1970, no entanto, em função do envolvimento de Heloneida Studart, a partir de 1976, com a política e sua participação nas eleições de 1978, o livro só viria a ser publicado em 1995 a pedidos de Rose Marie Muraro, que estava à frente da editora Rosa dos Tempos. Essa editora, fundada em 1990, fazia e faz parte do grupo Record e tinha por finalidade pôr em prática um projeto de Muraro e de Ruth Escobar de criar no Brasil um instrumento que desse voz às mulheres, ou seja, uma editora com ótica feminista e “*A Deusa do Rádio e Outros Deuses*”, sendo uma obra feminista, foi uma das escolhidas por Muraro, já que havia nesta obra -segundo Muraro - uma inversão clara dos valores que deviam ser seguidos pelas mulheres.

O livro teve apenas uma edição com uma tiragem de pouco mais de 1000 exemplares, com uma capa ilustrada por Laura Cardoso Pereira tendo, em um fundo azul, tinha-se uma catedral com um microfone sobre sua cúpula e por cima um véu. A capa é um resumo do enredo do livro que conta a história de Dinorá, uma jovem que deixa sua terra natal, o Ceará, para tentar ser escritora no Rio de Janeiro. No entanto, a jovem acaba como redatora de um programa de rádio sensacionalista comandado por Maria Deusa. Seu tempo é então dividido entre a rádio, trabalhos freelances para uma revista feminina, a revista Foch, e sua tentativa em escrever o romance biográfico sobre Bárbara de Alencar, uma parenta que teria ido contra as convenções sociais impostas às mulheres em seu tempo.

A vida da protagonista, ao contrário das narrativas tradicionais que a prepara para uma série de eventos que vão dar significado aos seus rituais de se fazer mulher, não será repleta de grandes acontecimentos, ao contrário, Dinorá será muito mais uma testemunha do que acontece ao seu redor, como uma espectadora que participa passivamente de tudo e que assiste sua vida passar sem interesse de nela agir até ser impelida a ação. Mas mesmo com certa passividade a protagonista, assim como outras personagens do romance, rompe com as normas de educação feminina. Normas essas que impunham as mulheres o dever de casar virgens, de preferência com o seu primeiro e único namorado e direcionar a sua existência para o casamento e a maternidade. Em consonância com a crítica feminista, Heloneida iniciou em seus romances da década de 1970 uma crítica ao lugar, ou melhor, a falta de lugar da mulher na sociedade brasileira. Isso implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero. Assim, a crítica feminista assumida por Heloneida:

visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos (as) escritores (as) em relação às convenções sociais que, historicamente, têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos. (...) Assim, a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão do pós-estruturalismo (ZOLIN, 2001, p.182).

Para Heloneida Studart as condições sociais das mulheres foram transferidas para os textos ficcionais, atribuindo inúmeros estereótipos ao sexo feminino. Desta maneira, as mulheres dos romances da escritora não acreditam mais no amor romântico dos romances sentimentais e nem num casamento perfeito. Nestes novos grupos de mulheres, aquelas consideradas inadequadas para uma sociedade que possui seus valores assentados nas vontades masculinas, o questionamento da validade da etiqueta e do decoro feminino é muito presente.

Por isso, a escritora opta por construir suas personagens no período com um comportamento imprevisível como a própria vida. Elas são capazes de fazer o bem e ao mesmo tempo fazer o mal. São humanas, não apresentando uma caracterização positiva ou negativa continuamente. E isto é ainda mais forte na protagonista Dinorá, que até mesmo após o final da leitura do romance não conseguimos definir seu caráter,

apenas definimos qual é a sua luta: a libertação da mulher em todos os aspectos de sua vida, sobretudo, no que diz respeito ao seu corpo.

E a libertação feminina no romance se inicia com o rompimento do amor romântico. Por isso, no livro em questão o estopim da libertação de Dinorá é uma desilusão amorosa que termina por levá-la a fundar uma nova religião, na qual a mulher é o centro de todas as ações. Arrisco dizer que um dos pontos comuns, característicos e inovadores da produção de Heloneida, seria o rompimento com o estereótipo do homem ideal e da mulher que, fatalmente, o amará de forma incondicional. De maneira frequente, o par masculino das protagonistas são, ao contrário do par romântico, quase sempre, anti-heróis, homens de caráter duvidoso e que rompem com que Teresa Martins Oliveira enumera como funções constitutivas da masculinidade desde o século XVIII: provedor, protetor e procriador (OLIVEIRA, 2004, p.89-99).

Na Deusa do Rádio, tanto Paulo (primeiro namorado) como Luís (o segundo namorado) são descritos como incapazes de cumprir seu papel de macho frente a Dinorá. Paulo, por exemplo, fingia estudar a noite para passar na faculdade de direito gastando as economias da mãe em cabarés até o dinheiro terminar e ele descobrir que a família de Dinorá não o possuía. Isso o leva a optar pelo casamento com uma mulher rica, mesmo já tendo possuído sexualmente a protagonista, justificando que o amor passaria, mas o dinheiro sempre permanece. Já Luís, prostituía-se até encontrar Dinorá que lhe arrumará emprego como modelo e depois o sustentará.

É importante frisar aqui a inversão da dependência financeira, tanto de Paulo quanto de Luís. Ambos são economicamente dependentes de mulheres e por isso, não podem ser e ter o que realmente querem e cumprir o papel que a sociedade espera deles. A dependência financeira é tratada no romance como a causa da não concretização do amor por prender os indivíduos tolhendo-os de liberdade para sentir e para serem sujeitos de suas próprias vidas. O diferencial do romance da escritora é que esta constatação é feita, não via feminino como até então, mas via personagens masculinos. A protagonista Dinorá exercerá um poder financeiro sobre Luís que o ameaçará a ponto desse sentir que o amor que emanava daquela mulher “o dissolvía para construí-lo de novo, para fazê-lo outro” (STUDART, 1970, p.139).

Esse não lugar do romance na narrativa faz com que predomine no livro uma angústia que vai se tornando mais forte à medida que o fim do relacionamento com Luís vai ficando mais nítido para Dinorá. Mas simultaneamente, essa angústia vai preparando para a segunda parte do livro onde já inicia uma nova caracterização da protagonista que, de sombra apagada que vê sua vida passar diante de si, se transforma em “um cometa que tinha o poder extraordinário sobre milhares de pessoas” (STUDART, 1970, p.139) e sobre seus sentimentos com relação a Luís, a quem se torna capaz de atirar migalhas de poder, mas não de amor. Se o abandono é uma constante na vida de Dinorá, a forma de reagir diante dele é que muda em função de, gradativamente, ela ir se construindo sujeito.

Há dois momentos na narrativa do romance. Na primeira parte, é apresentada

a infância da protagonista através de flashbacks que contam sua relação conturbada com a mãe Maria Isabel, o sentimento de rejeição do pai Luís, o apego a ama Filomena, a desilusão amorosa com seu primeiro namorado Paulo, sua ida para o Rio de Janeiro, seu trabalho com Maria Deusa e na revista Foch, seu relacionamento com seus vizinhos e seu envolvimento amoroso com Luís. O segundo momento, é marcado por uma “visão que leva a protagonista a desejar fundar uma nova religião e pela descrição de todo o processo vivido por ela para concretizar seu empreendimento.

Essa "visão" é, segundo Heloneida, a tomada de consciência do discurso monopolizador e castrador da religião por Dinorá e o grito de emancipação do feminino no livro. A partir daí, a mulher pode começar a separar sexo do compromisso, do amor e da maternidade assumindo o controle do seu corpo, o que abre espaço no livro para que temas como o aborto e o homossexualismo aflorem de maneira não mais contida ou romanceada, mas sim com um realismo e uma crueza que, segundo a autora, são próprios da realidade do mundo, da vida. A estes temas se somam outros tão caros a segunda onda do feminismo na qual o romance está inserido: o trabalho da mulher, o direito ao prazer, o sexo fora do casamento e a corrupção de uma sociedade que se queria tão moralmente correta.

Se, inicialmente, Heloneida usa a narrativa para abordar temas os quais já haviam aparecido em seus romances anteriores, como a relação de mãe/filha, de pai/filha, a mulher intelectual, o lugar da maternidade e o papel social da mulher na sociedade, no segundo momento, ela introduz em um tema já trabalhado em outros romances um elemento inovador: uma crítica direta a uma das instituições sociais vistas por ela como uma das responsáveis pela redução da mulher de sujeito a objeto no Brasil: a religião.

Para a autora a religião é reduzida a criação de marionetes e por isso, deve ser suplantada. É ela que coisifica e objetifica a mulher. Por isso, deve ser suplantada. É nesse ponto que entra o elemento inovador da sua crítica, o agente desta suplantação não seria mais uma revolução, uma teoria ou uma mudança de comportamento, mas sim uma outra religião que usasse dos mesmo meios das religiões existentes mas fosse comandada por uma mulher que por ter sido durante anos vítima das manipulações religiosas estaria preparada para ser o agente da transformação e criação de uma mais feminina e feminista.

Com isso, pode-se dizer que no romance de Heloneida há um subtexto que remete o leitor, já não para a oposição binária tão discutida em seus romances anteriores, mas para a diferença que mina essa codificação. A fissura no padrão da masculinidade, e da própria feminilidade, permite que se perceba o “sexo”, já não como um sistema de oposições, mas como um conjunto de diferentes posições e relações que deixam transparecer uma multiplicidade de diferenças que tendem a minar as oposições masculino/feminino. Tal fato, é relevante tanto para a filiação de Heloneida ao feminismo quanto do uso, cada vez mais acentuado do gênero enquanto categoria analítica para a escritora.

Noutra perspectiva, a incorporação de um ethos masculino ao discurso das personagens femininas por Heloneida a partir da década de 1970 permite a desconstrução da ordem legítima dos papéis sexuais preestabelecidos como evidencia Sússekind: “o simples fato de tomarem a si encargos masculinos joga por terra à divisão sexual de papéis na sociedade” (SÜSSEKIND, 1984, p.146) apontando que ser mulher e feminina foi algo construído e introjetado nas mulheres ao longo dos anos visando domesticá-las e subordiná-las a uma cultura misógina.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício das práticas de si para Foucault deveria ser considerado como a busca por práticas de liberdade, isto é, práticas que possam ser escolhas éticas no sentido da potencialização da vida e do aprimoramento da existência. Isso porque, segundo Foucault, a liberdade é a “condição ontológica da ética” que, por sua vez, é a “forma refletida da liberdade.” Nesse sentido, tais práticas seriam consideradas por ele como práticas de liberdade, isto é, como um modo de existência que se contrapõe à imobilidade das relações de poder e à sedimentação dos estados de dominação, visando resistir a elas, por meio do ensaio de novas relações e da experiência da recriação de si, por meio do cuidado para consigo e para com os outros (FOUCAULT, 2006, p.267).

Para tanto, é necessário que os sujeitos participantes de tais relações e estados se ocupem de si mesmos, como um imperativo ontológico e ético imanente, fazendo-os voltarem os seus olhares e os seus pensamentos sobre as verdades e valores morais assimiladas em sua existência, para que possam escolher os seus melhores guias e aprenderem a cuidar dos outros. Assim, não é pelo fato de aprender a cuidar dos outros que esses sujeitos estabeleceriam as suas ligações com a ética, mas é justamente porque eles cuidariam de um si, que lhes é anterior ontologicamente.

Ainda segundo Foucault o discurso a respeito da sexualidade não se caracteriza como uma área neutra, mas os interditos que estão no discurso sobre sexualidade supõem a luta pelo desejo e pelo poder. O corpo, nesse sentido, é apresentado como superfície e cenário de uma inscrição corporal, pois, é a superfície inscrita pelos acontecimentos, engendrados por uma ordem discursiva que regula os prazeres e expressões, deixando-o sempre à deriva, já que nem mesmo o corpo é suficientemente estável para servir como base de auto-reconhecimento ou de compreensão genérica das outras pessoas, evidenciando a constância da inscrição cultural que se abate sobre o mesmo (FOUCAULT, 1984).

Na Deusa do Rádio e outros Deuses percebemos uma problematização da formação do masculino e do feminino categorias que aparecem obedecendo a ordem discursiva legitimada pela sociedade na qual os gêneros são definidos pelo que é previamente considerado como “verdadeiro” e são autorizados a transmitir seu

discurso mesmo que para isso se valham de todos os tipos de violência. Por isso, Heloneida defende em seu romance que a luta contra uma sociedade misógina já não é mais só da mulher, é de minorias que não encontram representatividade.

Sem dúvida, o que a escritora pretende enfatizar é que o discurso a respeito de machos e fêmeas influencia a maneira pela qual ambos devem se comportar em sociedade enquanto corpos submetidos a tabus, a leis. Para a autora, os corpos submetidos a discursos produzem nos sujeitos consciência dos valores pertinentes a seu gênero, cerceando-lhes a possibilidade de ser diferente. Com relação a este ponto, novamente Heloneida sinaliza que este cerceamento só se mantém em função de encontrar respaldo na passividade e na dependência econômica como argumentos para a submissão que, no caso do presente romance, ainda tem estes predicados acentuados pela religião, compreendida como o principal discurso de reforço da submissão e da passividade, sobretudo feminina.

Na realidade, "A Deusa do Rádio e outros Deuses" pretende chamar a atenção para o fato de que não é necessário a mulher se tornar um arremedo de homem para que seja respeitada, para que ocupe seu lugar enquanto sujeito social. O que é necessário é que ela, sendo mulher com tudo que esse gênero acarreta, tenha consciência de que é sujeito e, com isso detentora de direitos e deveres, não aceite mais que se criem papéis para ela os desempenhem.

Assim, dentro de uma tradição contínua, o sistema patriarcal ocidental instaurou a diferença dos papéis e das identidades sexuais de forma bem delimitada – homem forte versus mulher fraca. Esse processo vai inserir o sujeito numa sociedade permeada de preconceitos e tabus os quais se faz necessário romper, mas que são constantemente reforçados por uma série de discursos normatizadores. O romance em questão é um manifesto contra essa binarização social. Nele o caminhar da mulher só seria coroado de sucesso se ela conseguisse romper com os discursos normatizadores sobre si e assumisse-se como produtora destes discursos. Torna-se necessário para isso, o rompimento total com o patriarcalismo, que para a autora, encontrou forte respaldoreligioso. Se para Heloneida a mulher se encontra neste processo de ruptura, a autora nesta obra concretiza sua metamorfose de escritora feminina para uma feminista solidificando os pilares que serão fundamentais para uma outra parte de sua trajetória: a sua atuação política.

A discussão teórica acerca das articulações entre a literatura e a história para a análise e compreensão da realidade social se fez necessário para compreender a opção estética de Heloneida. Para tanto, a literatura foi tomada como uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinaram um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manutenção técnica, indispensável a sua configuração (CÂNDIDO, 2002, p.53).

Tratou-se para a escritora de criar um mundo novo na ficção, conferindo inteligibilidade à realidade originária. Por meio da representação a autora buscou

fazer apresentar o objeto da materialidade crua do mundo, para inseri-lo na trama do signo, da palavra e com isso, apresentá-lo. A verossimelhança em literatura não está diretamente referida à sua comparação com o mundo real (ficção igual a vida), antes, ela depende da organização estética do material, sendo em referência à ela que uma obra é verossímil ou não.

REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. Literatura e história: o entrecruzamento de discursos. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique (Orgs.). **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande: Editora da FURG, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. Estímulos da Criação Literária. In: _____. **Literatura e Sociedade**. SP: T.A.Q. Editor, 2002.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CUNHA, Cecília. Uma escritora feminista: fragmento de uma vida. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.1, 2008.

FOUCAULT, M. **O que é um Autor?** Lisboa: Vega, 2006.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

OLIVEIRA, Teresa Martins. Imagens masculinas nos romances O primo Basílio de Eça de Queirós e Effi Briest de Theodor Fontane. **Revista da Faculdade de Letras**. Série II, v.XXI, Porto, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre história e literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). **Revista anos 90**, Porto Alegre, n.4, dezembro, p.115-127, 1995.

RICOUER, Paul. **Les temps et les philosophies**. Paris: -, 1978.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** *Uma ideologia estética e sua história*: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984, p. 146-148.

STUDART, Heloneida. **A Deusa do rádio e outros deuses**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1970.

ZOLIN, Lucia Osana. **Pós-modernidade e literatura de autoria feminina no Brasil**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf >Acesso em 14 fev 2011.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

